

IDENTIDADE FEMININA EM DIÁSPORA: UMA ANÁLISE EM *AMERICANAH*

Rosineia da Silva Ferreira¹

RESUMO

Este artigo trata da desconstrução da identidade feminina no entre-lugar Estados Unidos/Nigéria no contexto pós-colonial, na obra *Americanah* (2014) de Chimamanda Ngozi Adichie, focalizando em especial a protagonista Ifemelu. Ademais, interessa investigar em que grau sua identidade é afetada pela situação de diáspora em território estrangeiro pelo choque cultural e em que grau mantém elementos de sua cultura de origem. Foi analisado como ocorreu a desconstrução da identidade feminina. Para subsidiar tal análise foram utilizadas as teorias pós-coloniais, que estudam os níveis de afetação das culturas nos países que foram colonizados. Dentre outras foram utilizadas obras de Homi K. Bhabha; Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin; Peter Childs e R. J. Patrick Williams; Albert Memmi. Para problematizar as questões de identidade e diáspora foram utilizadas obras de Stuart Hall.

Palavras-chave: Pós-colonialismo; identidade feminina; diáspora; *Americanah*.

Introdução

Americanah, obra de Chimamanda Ngozi Adichie, tem como protagonista a jovem Ifemelu. Seu enredo diz respeito ao relacionamento entre Ifemelu e Obinze. Uma história ambientada em três continentes e com uma forte crítica social ao colonialismo e ao pós-colonialismo, pois além de apontar que o racismo ainda é muito vivo nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, também aponta o modo de vida na Nigéria, onde as pessoas com poder econômico vivem à sombra de um passado colonial inglês, como se isso fosse glamouroso.

Ifemelu é uma jovem estudante nigeriana que mora com sua família na capital, Lagos; namora Obinze e cursa geologia na Universidade de Nsukka. No entanto, a instabilidade política do país causa sucessivas greves nas universidades. Em consequência, a protagonista, com o auxílio de sua tia Uju e de sua amiga Ginika, se inscreve para algumas universidades nos Estados Unidos e consegue uma bolsa parcial de estudos.

Ifemelu reluta em ir, mas Obinze a incentiva e promete que depois eles se encontrarão lá. E é nesse contexto de diáspora que Ifemelu passa por profundas

¹Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pelo Programa de pós-graduação da Universidade de Brasília – PósLit. rosineia.ferreira@gmail.com

transformações de identidade, pois vivencia situações que jamais vivenciaria se em seu país. Como apontam Ashcroft, Griffiths e Tiffin, a diáspora produz significados em diversas áreas da cultura e “a escrita é uma das formas mais interessantes e estratégicas em que a diáspora pode romper o binário local e global e problematizar formulações nacionais, raciais de identidade” (2002, p. 218, tradução nossa).²

Desta maneira, este trabalho visa analisar as percepções de mudanças de identidade na protagonista Ifemelu, tendo em mente que a modernidade e a diáspora têm como consequência a desarmonia com o conceito de identidade fixa que os indivíduos vivenciam.

Para a compreensão das literaturas pós-coloniais é necessário ter em mente que o colonialismo europeu se configurou como um modelo de controle social, econômico e cultural por meio da violência, para a exploração de forma abusiva dos povos e de seus recursos humanos e naturais. Dessa relação entre colonos e colonizados desenvolveram-se práticas culturais diversas das duas culturas, que são refletidas na literatura como prática ou processo discursivo.

As literaturas produzidas nesses países foram colocadas em posição periférica pela perspectiva do cânone eurocêntrico e assim foram silenciadas e desprezadas por ele. Contudo, parte da reflexão sobre a experiência pós-colonial tomou a forma de um campo organizado de conhecimento denominado “Estudos Pós-coloniais”, que conferiu uma mirada diferenciada às literaturas das ex-colônias.

O pós-colonialismo é concebido “como um conjunto de práticas discursivas, entre as quais se destacam a resistência ao colonialismo, às ideologias colonialistas e suas formas contemporâneas e legados subjetivos” (CHILDS; WILLIAMS, 2013, p. 04, tradução nossa).³

A produção literária pós-colonial tem como característica o rompimento com os padrões estéticos e literários do centro-europeu, e se constitui da experiência colonial e pós-colonial pela qual essas sociedades foram formadas. Essas literaturas são diversificadas, complexas e atuais. Elas se apropriam e desmontam o modelo “centro e margem” por meio de subversões formais, ou por contestação temática. Por isso, é

²but writing is one of the most interesting and strategic ways in which diaspora might disrupt the binary of local and global and problematize national, racial and ethnic formulations of identity.

³... post-colonial is conceived of as a set of discursive practices, prominent among which is resistance to colonialism, colonialist ideologies and their contemporary forms and subjectificatory legacies.

possível apontar, como fio condutor para a leitura e análise de algumas obras, características, como “o silenciamento e marginalização da voz pós-colonial pelo centro imperial; a revogação desse centro imperial dentro do texto e a apropriação ativa da língua e cultura daquele centro” (Ibidem, p. 82, tradução nossa) ⁴.

Consequentemente, as teorias pós-coloniais também são múltiplas e algumas vezes até antagônicas, o que é natural, pois abrangem a produção de localidades diversas e distantes geograficamente e mais ainda culturalmente.

A identidade de Ifemelu

Ifemelu, embora tenha ido para os Estados Unidos por vontade própria, as condições políticas que afetavam as universidades foram decisivas para sua ida, pois as greves eram constantes. Ao chegar, percebeu as mudanças em sua amiga Ginika e em sua tia Uju e questionou muitos dos comportamentos delas.

Com o passar do tempo, ela passou a compreender que tais mudanças, ocorreram devido ao contato com a nova cultura. E que apesar de possíveis rejeições, as mudanças são inevitáveis, pois conforme Stuart Hall (2006, p. 9):

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX, isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Durante os treze anos em que a protagonista morou lá, ela passa pelo mesmo processo de mudança. As dificuldades financeiras e o racismo também são fatores que a confrontam e influenciam as alterações em sua identidade.

Ela começou a pensar em quem era ela mesma e o que isso significava, ainda, na Nigéria, quando foi convidada a conhecer a mãe de Obinze e foi aconselhada por Tia Uju a só ser ela mesma e “Ifemelu respondeu: “como posso ser eu mesma? O que isso significa?” (ADICHIE, 2014, p. 78).

Em sua chegada nos Estados Unidos, ela tem seu primeiro choque ao constatar que seus conhecimentos sobre lá não estavam corretos, até porque ela os adquiriu por meio de suas leituras e pelas descrições apaixonadas de Obinze. Em seu imaginário, os Estados Unidos eram um lugar frio, por isso ela havia comprado o melhor casaco que

⁴The silencing and marginalizing of the post-colonial voice by the imperial centre; the abrogation of this imperial centre within the text; and the active appropriation of the language and culture of that centre.

encontrara no mercado em Lagos e, como chegou no verão, se deparou com um calor muito forte que a surpreendeu, pois “a vida toda pensara no “exterior” como um lugar de casacos de lã e neve, e como os Estados Unidos eram no “exterior”” (ADICHIE, 2014, p. 115).

Ela passou um período de espera, na casa de Tia Uju que embora fosse de sua família, ela se sentia distante de tudo que era familiar, e sentia que “havia uma desolação em sua vida, uma aridez em brasa, sem pais, amigos ou um lar, os marcos familiares que faziam com que fosse quem era” (ADICHIE, 2014, p. 122).

Ao mesmo tempo em que sentia falta de sua família e de seu país, ela ansiava por sua nova vida a que pretendia construir, e sonhava com a vida que era oferecida nos comerciais de televisão, uma vida que a encantava, cheia de alegrias, “onde todos os problemas tinham soluções cintilantes na forma de xampus, carros e comidas embaladas” (ADICHIE, 2014, p. 125).

Nesse ponto ela já se encontra em um entre-lugar, de onde ela via a Nigéria ao longe, pois “esse país, seu lar, agora era um lugar indistinto entre aqui e lá” (ADICHIE, 2014, p. 128) que, segundo Bhabha (1998, p. 20), são fundamentais para pensar a cultura, pois eles “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e constatação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Outra situação que a coloca em desconforto em relação à sua identidade é ter que usar documentos de outra pessoa, uma pessoa que, nas fotos, não se parecia com ela nem um pouco, “tinha no mínimo dez anos a mais do que Ifemelu, um rosto fino, sobrancelhas que começavam em bolinhas e se transformavam em arcos e um maxilar em forma de V. Eu não pareço nada com ela” (ADICHIE, 2014, p. 132) e Tia Uju explica que para os brancos eles são todos iguais e Ifemelu ainda não compreende como alguém vai acreditar que ela seria Ngozi Okonkwo, por ainda não ter compreendido as nuances de raça nesse país.

Ela alugou um quarto em um apartamento com algumas garotas estranhas. Nessa morada coletiva, ela passou a ter um contato muito íntimo com a cultura local e achava muitas coisas estranhas, por serem diferentes demais de sua cultura.

Devido às imensas dificuldades em conseguir um trabalho, a situação foi ficando cada dia mais difícil, por isso ela começa a se sentir vivendo “na periferia de sua própria

vida, compartilhando uma geladeira e um banheiro, uma intimidade rasa, com pessoas que não conhecia nem um pouco” (ADICHIE, 2014, p. 139).

Ifemelu começou a perceber que as dificuldades pelas quais ela passava, não era uma questão meramente econômica e, sim, de discriminação racial e por ela ser estrangeira. Quando começou a frequentar a universidade e em seu primeiro contato com uma funcionária, percebeu que estava sendo tratada como uma pessoa incapaz de compreender a língua inglesa. A funcionária, falou com ela tão pausadamente que Ifemelu chegou a pensar que ela tinha algum problema de saúde, mas, depois, percebeu que não era isso e que aquele comportamento era por ela ser estrangeira. Depois disso ela começa a treinar o sotaque americano. A decisão de treinar um sotaque americano reflete a necessidade que ela sente de se integrar a nova sociedade.

Ifemelu passa a usar a língua do colonizador, e ao adotar o modo de falar, sua identidade já começa a assimilar a cultura do novo país, de forma mais efetiva, por usar uma linguagem igual aos americanos.

Mesmo com todos os esforços para conseguir um emprego, nenhuma oportunidade surgira e ela já estava sem dinheiro. Uma tensão crescia no apartamento, porque ela não pagara sua parte do aluguel. Sua frustração crescia a cada dia; ela sentia muita saudade de casa e a ansiedade a consumia e ela “acordava todos os dias sentindo-se machucada, imaginando uma horda de pessoas sem rosto que estavam todos contra ela.” (ADICHIE, 2014, p. 167).

As condições financeiras pelas quais ela passava a levaram a tomar uma medida desesperada: aceitar uma oferta de trabalho de acompanhante. No trem voltando para casa, Ifemelu “sentou-se na janela e começou a chorar. Sentiu-se como uma bolinha, sozinha à deriva. O mundo era um lugar tão, tão grande, e ela era tão pequena, tão insignificante” (ADICHIE, 2014, p. 169-170).

Somente após conseguir um emprego é que ela se recupera e sua tão sonhada vida começou com esse emprego na casa de Kimberly Turner. Sua vida mudou não somente pelo emprego, mas também pelo relacionamento com Curt, primo de Kimberly. Essa relação lhe proporcionou muitas experiências novas e “com Curt Ifemelu se tornou, em sua mente, uma mulher livre de pesos e preocupações” (ADICHIE, 2014, p. 213).

Este contentamento, no qual ela estava envolta, quase a fez esquecer de si, as lembranças da Nigéria estavam cada vez mais distantes e “tinham um tom sépia”

(ADICHIE, 2014, p. 218), mas a realidade a fazia lembrar-se de quem ela era. Quando foi chamada para uma entrevista de emprego, a consultora de empregos da universidade a fez recobrar a consciência, ao aconselhá-la a alisar os cabelos “Ruth disse: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego””. (ADICHIE, 2014, p. 220).

A essa altura ela compreendia como as coisas funcionavam nesse país e sabia que alisar o cabelo era essencial para conseguir o emprego. Essa consciência da imposição, da necessidade de alisar o cabelo, responde por sua aceitação, sem questionar, representa parte da nova identidade dela, pois, além de ela conhecer melhor a cultura americana, ela aceita a imposição sem questionamentos.

Alisar o cabelo, além de doloroso, também traz consequências profundas à identidade dela, pois, como disse a cabeleireira “arde um pouco [...]. Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com o balanço de uma branca!” (ADICHIE, 2014, p. 221). Além da dor física e da perda dos cabelos, mais tarde, ela percebe mais uma vez que ser branca, ou comparada a uma branca é um elogio dicotômico, que a coloca no lugar do que é ruim.

O cabelo de Ifemelu começou a cair e Wambui, sua amiga, disse a ela que era devido aos relaxantes e convenceu-a de que ela precisava cortá-lo e deixá-lo natural. Após cortar o cabelo, Ifemelu sentiu-se mais uma vez vilipendiada, sentiu-se tão feia que não conseguiu ir para o trabalho por três dias seguidos. O relaxamento dos cabelos a agride física e psicologicamente, pois, ao alisá-los ela se sente adulterada, pois o cabelo é parte fundamental da identidade, principalmente feminina.

Ifemelu já estava, há alguns anos, nos Estados Unidos, e já havia experienciado várias situações de racismo. Em razão disso, já entendia como era a dinâmica da sociedade americana para tratar de raça. A partir de suas experiências e observações, passou a escrever um *blog* sobre o tema, utilizando sua perspectiva única. Com o sucesso de seu *blog* e os patrocínios recebidos, ela saiu do emprego e passou a se dedicar integralmente às atividades e palestras sobre ele.

Quando começou a namorar Blaine, um negro americano, rapidamente ela se viu inserida em seu grupo de amigos. Esse relacionamento muitas vezes a fez questionar suas certezas e, outras tantas, aquiescer em conversas, pois seria mais fácil do que tentar

convencê-lo de sua opinião. E algumas vezes se via falando como ele “ouvia em sua voz o eco da voz dele” (ADICHIE, 2014, p. 371).

A essa altura as mudanças em Ifemelu já eram latentes, mas também já eram aceitas com naturalidade, pois as pessoas na Nigéria passaram a compreender que ela estava em outro país, com uma cultura diferente; como o pai de Ifemelu, quando ela conta sobre Blaine, e ele se mostra frustrado, porque Blaine é americano, então, ela ri e o ignora, comportamento que ela não teria se estivesse na Nigéria, pois “ignorar o pai e até dizer a ele que ia morar com um homem com quem não era casada eram coisas que só podia fazer porque morava nos Estados Unidos. As regras haviam mudado, caído nas rachaduras da distância e do estrangeiro (ADICHIE, 2014, p. 340).

Tais mudanças estavam perceptíveis, não somente a ela própria como para as outras pessoas. Obinze, ao ler seu blog, não a reconheceu em suas palavras, achou tudo muito americanizado e ele “teve uma sensação de perda como se Ifemelu tivesse se tornado uma pessoa que não reconheceria mais” (ADICHIE, 2014, p. 406).

Mesmo com sucesso acadêmico, profissional, financeiro e um quase sucesso amoroso, Ifemelu sentia que algo lhe faltava. Em seu novo relacionamento com Blaine, um negro americano, professor universitário, ela novamente estava satisfeita por ter encontrado um bom homem, como dissera a seu pai. Mas novamente parecia que a insatisfação, aos poucos, ia permeando essa relação.

Seu blog estava indo bem, com milhares de visitantes por mês, ela ganhava bastante para dar palestras, tinha uma bolsa de estudos em Princeton e estava com Blaine — “Você é o amor da minha vida”, havia escrito ele em seu último cartão de aniversário. No entanto, tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade de seu país (ADICHIE, 2014, p. 12).

Depois de ter certeza de seus sentimentos, Ifemelu decide por retornar à Nigéria, mesmo diante da incompreensão de todos por sua decisão. Esse retorno representa além da busca por si mesma, por sua identidade, a busca por respostas as suas inquietações que ela só poderia encontrar lá. Representa também a tentativa de encontrar Obinze.

Voltando à Nigéria em busca de sua identidade perdida

Mesmo antes de retornar à Nigéria, Ifemelu começou a tentar retomar sua identidade, iniciando com o abandono do sotaque americano, parando de relaxar os cabelos e usando-o natural. Essas foram algumas decisões que impactaram em sua decisão final de se procurar na Nigéria. Ifemelu já estava descontente em ter que forçar um sotaque para parecer americana e “era com Curt que estava quando se olhou no espelho e, numa súbita revelação, pela primeira vez viu outra pessoa” (ADICHIE, 2014, p. 208).

A primeira atitude de Ifemelu, que denota o interesse em retornar a sua cultura e à sua identidade, significativamente, é o abandono do sotaque americano: “Ifemelu decidiu parar de fingir que tinha sotaque americano num dia ensolarado de julho” (ADICHIE, 2014, p. 189), após receber uma ligação de um telemarketing, ela agradeceu o elogio do rapaz do outro lado da linha, que afirmou que ela falava como uma americana. Mas, após desligar o telefone, ela refletiu sobre aquele elogio e questionou:

Por que era um elogio, uma realização, soar como um americano? Ifemelu tinha ganhado; Cristina Tomas, a branca Cristina Tomas sob cujo olhar se encolhera como um pequeno animal derrotado, falaria normal com ela agora. Tinha ganhado de fato, mas seu triunfo era vazio. Sua vitória efêmera havia criado um enorme espaço vazio, porque ela assumira, por tempo demais, um tom de voz e uma maneira de ser que não eram seus (ADICHIE, 2014, p. 191).

Depois de refletir que sobre como seu sotaque era encenado, que aquela voz não era a sua, ela decidiu parar de usá-lo, e voltou a usar sua voz natural, representando assim sua tomada de consciência quanto a sua identidade e o primeiro passo para o retorno a sua antiga identidade. Essa é uma decisão relevante, uma vez que a voz nos precede e estabelece como vamos ser recebidos pelos outros.

Após o trauma causado pelo alisamento do cabelo, que provocou queda e a fez cortá-los, Ifemelu começou a acessar sites onde outras mulheres negras trocavam experiências sobre cuidados com os cabelos. Esses compartilhamentos de informações e de experiências a ajudaram a superar a fase de crescimento de seu cabelo e a ajudaram, também, a compreendê-lo, bem como sua identidade, mesmo diante das críticas, até de pessoas próximas que viviam as mesmas situações que ela, como tia Uju, que afirma que o cabelo “natural tem algo de desleixado e desmazelado” (ADICHIE, 2014, p. 236). Diante disso, Ifemelu retruca afirmando que “se todas as revistas que você lesse e todos os filmes que você visse tivessem mulheres lindas com cabelo parecendo juta? Você ia

Revista de Letras Norte@mentos

estar admirando meu cabelo” (ADICHIE, 2014, p. 236). Mas Ifemelu já decidira que amaria seu cabelo natural, “ela enfiou os dedos no seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo” (ADICHIE, 2014, p. 232).

Quando decidiu voltar para a Nigéria, ela procurou um salão de beleza especializado em tranças, para arrumar o cabelo antes de sua viagem de volta. No salão de beleza, Ifemelu mais uma vez se viu numa situação de enfrentamento, de sua decisão de manter o cabelo natural. Aisha, a cabeleireira responsável pelo serviço dela, confronta-a ao questionar a cor dos apliques escolhida por ela, então ela explica que a cor número “um é preta demais, parece falsa, disse Ifemelu, soltando o lenço que estava envolto em sua cabeça. “Às vezes eu uso a dois, mas a quatro é a mais próxima da minha cor natural” (ADICHIE, 2014, p. 19), mostrando mais uma vez que ela gosta de seu cabelo o mais natural possível.

Não convencida das escolhas dela, Aisha prossegue, usando como argumento os padrões estéticos impostos, ao questionar o porquê de ela usar os cabelos naturais se são difíceis de cuidar, em vez de alisar para ficar mais fácil. Para evitar alongar a discussão, Ifemelu responde que gosta dele natural e que se bem hidratado é fácil cuidar dele.

Tal decisão repercute em seu bem-estar, mas, principalmente, torna-se subversiva, ao não aceitar mais os padrões impostos, ao mesmo tempo que ela se aceita como mulher negra e apresenta, com orgulho, sua imagem sem retoques, aos outros. Seu cabelo torna-se símbolo de enfrentamento do racismo e da violência que representa um relaxamento que fere seu corpo e sua identidade.

O fim do relacionamento com Curt, o branco rico que lhe proporcionava uma vida confortável e cheia de insatisfação, também foi importante para que ela percebesse que “havia algo de errado com ela. Não sabia o que era, mas havia algo de errado com ela. Uma fome, uma inquietação. Um conhecimento incompleto de si mesma. A sensação de algo distante, fora do alcance” (ADICHIE, 2014, p. 314). Depois do término com Curt, ela ficou se procurando, procurando quem ela era antes de namorá-lo e não se encontrava: “Ifemelu não sabia mais quem fora, do que gostava, o que queria” (ADICHIE, 2014, p. 324).

Ifemelu estava perdida de si mesma, tanto que, quando seus pais foram visitá-la, ela não sabia como ser ela mesma, como ser a filha deles. Ela também os olhava com os

olhos da mudança, achando-os mesquinhos e sentindo-se culpada por sentir alívio, quando eles voltaram para a Nigéria.

Como já citado, geralmente as narrativas diaspóricas apresentam a jornada de personagens que imigram, muitas vezes, para a América ou para a Europa, sendo este o destino final dessas personagens. Em *Americanah*, no entanto, a narrativa cria uma diáspora cíclica com Ifemelu e Obinze e eles retornam para a Nigéria.

Seu retorno também exige uma nova rodada de negociações, pois sua estadia longe de sua terra natal foi longa e as mudanças, nas pessoas e nos lugares, foram inevitáveis. Por isso, ela precisa se readaptar à cultura de sua cidade natal ao mesmo tempo que assimila as mudanças.

No início, Lagos causa muito estranhamento, e ali “Ifemelu teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar” (ADICHIE, 2014, p. 415). Tal estranheza se dá em decorrência de sua nova identidade, pois, mesmo ela tendo voltado para a Nigéria, em busca de sua antiga identidade, suas vivências e suas experiências nos Estados Unidos criaram nela uma identidade híbrida, que faz com que ela, ao mesmo tempo que não se sente pertencente nem à América, nem à Nigéria, sinta-se pertencente as duas culturas, tornando-se assim, uma *Americanah*.

Em Lagos, Ifemelu, a convite de sua colega de trabalho, começa a frequentar reuniões de um clube formado exclusivamente por pessoas que haviam morado fora, ou que viajavam com frequência, o clube nigerpolita. E, embora não se sentisse confortável com a maioria das conversas, ela se identificava com os incômodos e com as necessidades daquelas pessoas, e percebeu que se tornara o tipo de pessoa a qual ela torcera para não ter se tornado “o tipo de pessoa que dizia “eles servem o tipo de coisa que a gente gosta de comer”” (ADICHIE, 2014 p. 439) quando falasse de um restaurante.

Depois de reencontrar Obinze, ele perguntou de que maneira Ifemelu mudou por ter morado nos Estados Unidos e ela respondeu que, quando era babá, viu-se brincando com o garoto, dizendo a ele “descansar soldado!” (ADICHIE, 2014, p. 466) e que essa brincadeira era tão americana. Ou seja, ela havia aderido aos traços culturais do país. Esclareceu também que não tinha sotaque, pois se esforçara para não o ter e que achava que o que mais havia mudado era seu gosto: “mal posso acreditar na quantidade de

coisas que acho feias agora. Não suporto a maioria das casas dessa cidade” (ADICHIE, 2014, p. 466).

Ifemelu tem consciência de suas mudanças e de seus novos gostos, mas ela conseguiu negociar consigo mesma um retorno a uma identidade nigeriana e conseguiu sentir-se em casa novamente, em Lagos, pensando “estou mesmo em casa. Estou em casa” (ADICHIE, 2014, p. 442). Ela sentiu-se completa e “em paz; por estar em casa, escrevendo seu blog, por ter descoberto Lagos de novo. Finalmente havia se engendrado num ser completo” (ADICHIE, 2014, p. 510).

Diáspora e deslocamentos de Ifemelu

Como já afirmado, as literaturas pós-coloniais apresentam características diferentes das literaturas do cânone eurocêntrico, devido às diferenças de cultura e às características que passaram a fazer parte dessas sociedades, após a descolonização, e que são notáveis nas literaturas desses países. Por isso, algumas temáticas e abordagens são recorrentes, como deslocamento, diáspora e a relação com a terra, com o país e com a nacionalidade das personagens.

Em *Americanah* o espaço e os deslocamentos se destacam, pois, muitas vezes, não aparecem como mero cenário para o desenrolar dos fatos, mas, sim, intrinsecamente ligados às ações das personagens, principalmente da protagonista Ifemelu. Tal destaque já é perceptível no início da obra: seu primeiro parágrafo descreve as cidades nas quais Ifemelu morou nos Estados Unidos, aproximando-se da personificação, pois sua descrição contempla a paisagem, o cheiro e como as pessoas se comportam, em cada lugar, como podemos observar a seguir:

Princeton, no verão, não tinha cheiro de nada e, embora Ifemelu gostasse do verde tranquilo das diversas árvores, das ruas limpas, das casas imponentes, das lojas delicadas e caras demais e do ar calmo de quem sabia merecer a graça alcançada, era isso, a falta de cheiro, que mais lhe agradava(...). A Filadélfia tinha o odor embolorado da história. New Haven cheirava a abandono. Baltimore cheirava a salmoura. O Brooklyn a lixo esquentado pelo sol. Mas Princeton não tinha cheiro (...). Ela gostava do campus, grave com tanto saber, dos prédios góticos com suas paredes cobertas de hera, e do modo como, de noite, à meia luz, tudo se transformava numa cena fantasmagórica. E, acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com os adornos da certeza (ADICHIE, 2014, p. 9).

Como é possível perceber, o espaço torna-se significativo, pois a narradora não descreve somente os aspectos físicos do ambiente, ela também descreve o comportamento e as atitudes das pessoas que circulam neles. Percebe-se outro aspecto fundamental na obra, nesse excerto, por descrever a transformação pela qual Ifemelu passou no seu período de estadia nos Estados Unidos, ao afirmar que ela podia fingir ser outra pessoa e se sentir confortável naquele lugar.

Ifemelu passa sua infância e juventude em Lagos, capital da Nigéria, até terminar a escola e ter que escolher uma universidade em outra cidade. Ela fica em dúvida entre a universidade de Ibadan e a universidade de Nsukka.

A diáspora e os deslocamentos fazem parte da realidade na Nigéria, pois um grande número de pessoas vai morar fora, para estudar e/ou trabalhar, por isso, mesmo antes de Ifemelu sair de seu país, ela já convivía com a diáspora, pela ida de seus amigos para o exterior. Alguns foram ainda no tempo da escola e outros no momento de ingressar em um curso superior. Esse fato fazia parte do cotidiano das personagens, e também através dos sonhos de vários amigos, de ir para a os Estados unidos, em busca de melhores condições de vida.

A narrativa de *Americanah* se inicia com a personagem protagonista estando nos Estados Unidos, ou seja, já em situação de diáspora, mas toda a narrativa se passa entre a Nigéria (Lagos, Nsukka) e a Costa Leste dos Estados Unidos (New York, Baltimore, New Haven, Princeton), e também, entre os diversos lugares para os quais as personagens se deslocam, como as viagens de Ifemelu à Europa (Londres e Paris).

Ao mudar para os Estados Unidos, Ifemelu fica com Tia Uju, no Brooklyn, bairro periférico da cidade de Nova Iorque, esperando até que comecem suas aulas. Neste curto período, ela conheceu pouco a cidade e conheceu Coney Island, uma península no Brooklyn, onde ela foi com seu primo Dike passear nos parques de diversões.

Seu primeiro deslocamento foi para Manhattan, de metrô, e lembrou-se de Obinze e como ele falava da ilha. Sentindo-se intimidada, “andou pelas ruas observando e absorvendo tudo [...] os inúmeros arranha-céus pareciam provocar o firmamento, mas havia poeira nas janelas dos prédios. A imperfeição estonteante daquilo tudo a deixou mais calma, 'é maravilhoso, mas não é o paraíso'” (ADICHIE, 2014, p. 130). Ifemelu é observadora e crítica e, ao andar no metrô observa quais os tipos de pessoas que descem

em cada estação. Ela ainda “ficava impressionada ao ver como a maior parte das pessoas brancas e magras descia nas estações de Manhattan, e, conforme o metrô ia se aproximando do Brooklyn, só iam sobrando as negras e gordas” (ADICHIE, 2014, p. 12). Assim, aos poucos, Ifemelu foi conhecendo e desmistificando a América dos sonhos dela e de seus amigos.

Com o fim do verão e o início das aulas na universidade, ela precisa deixar Nova Iorque e ir para a Filadélfia, ocorrendo, assim, seu primeiro grande deslocamento dentro do país, muito representativo por não ser um passeio, mas, sim, sua mudança, para o lugar onde passaria a viver e estudar. Apesar de todas as dificuldades, ela passaria a gostar dele, descrito melancolicamente:

A Filadélfia tinha o cheiro do sol de verão, de asfalto queimado, de carne grelhada em carrinhos de comida aninhado nas esquinas, com estrangeiros morenos, homens e mulheres, trabalhando debruçados lá dentro (...). Passaria a amar a própria Filadélfia. A cidade não trazia o aspecto de intimidação como Manhattan; era um lugar íntimo, mas não provinciano, uma cidade que poderia ser gentil (ADICHIE, 2014, p. 134).

Pelo já exposto, é possível perceber que o espaço, nesta obra, está intrinsecamente ligado aos momentos das vidas das personagens, chegando a aparecer como metáforas das situações pelas quais elas passam. Pode ser citado, como exemplo, o apartamento em que ela divide o aluguel com moças americanas e ocupa um quarto que “era o mais barato, o menor, de frente para a parede de tijolos gastos do prédio ao lado” (ADICHIE, 2014, p. 139), onde passa por momentos de grande dificuldade financeira e emocional, momento esse que é descrito como a periferia de sua vida.

Depois de conseguir o trabalho de babá, na casa de Kimberly, onde fica por um tempo, organiza sua vida financeira e emocional e depois consegue um emprego na sua área.

Essa mudança de emprego gerou uma nova necessidade de deslocamento e ela se mudou para Baltimore, período em que ela também realizou diversas viagens pelo país e para o exterior, a passeio, com Curt seu namorado branco americano. Com ele ela viajou para vários lugares, inclusive fora dos Estados Unidos como Londres e Paris.

Ifemelu passa a escrever um blog sobre o racismo nos Estados Unidos, que tem grande repercussão e acaba virando sua ocupação profissional e a exigir dela

disponibilidade para realizar viagens pelo país, ao ser convidada como palestrante para eventos sociais e científicos que versassem sobre o racismo.

Após o fim de seu relacionamento com Curt, Ifemelu permanece morando em Baltimore e começa um novo relacionamento, com Blaine, um professor universitário que conhecera anos atrás. No início, o relacionamento deles é a distância, pois moram em cidades diferentes. Nesse ponto da narrativa o espaço novamente é personificado na afirmativa de que “seguiram-se e-mails e telefonemas entre Baltimore e New Haven” (ADICHIE, 2014, p. 334). Nesse caso, os espaços são utilizados como personagens, com ações tipicamente humanas, figura de linguagem usada para substituir as personagens Ifemelu e Blaine. Depois de um tempo ela se muda para New Haven.

Devido à popularidade e o retorno financeiro de seu blog, Ifemelu consegue estabilidade econômica, e dinheiro deixa de ser uma preocupação para ela, de modo que ela tem tempo de pensar em como poderia ser sua vida na Nigéria. E ela, então, começou a sentir saudades de sua terra, de Lagos e de sua família, e começou a imaginar como seria sua vida lá:

Ifemelu lia avidamente sites nigerianos, perfis nigerianos no Facebook, blogs nigerianos, e cada clique levava a mais uma história de um jovem que havia pouco voltara para casa, brandindo diplomas americanos ou britânicos, para fundar uma financeira, uma produtora de música, uma marca de roupas, uma rede de fast-food. Ela olhava para as fotos desses homens e mulheres e sentia uma dor surda de perda, como se tivessem aberto sua mão à força e pegado algo que lhe pertencia. Eles estavam vivendo a vida dela. A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra (ADICHIE 2014, p. 13).

Assim, é perceptível que os anos de estadia nos Estados Unidos e todo o conforto físico e psicológico proporcionado pela estabilidade financeira não foram suficientes para fazê-la esquecer suas origens. E, assim, seus laços se mostram fortes e o desejo de voltar à Nigéria brota e a ocupa por completo, embora ela já tenha se tornado um sujeito híbrido culturalmente.

Ifemelu foi para os Estados Unidos e alcançou o sonho americano, e, contrariando a maioria das narrativas diaspóricas, ela volta à Nigéria. Tal decisão se dá pela sua vontade de se reencontrar consigo mesma, de se sentir em casa, de ser ela mesma e também pelo desejo de reencontrar Obinze, seu namorado da época da escola.

No entanto, tal decisão é vista com perplexidade pelas pessoas e “todos a quem ela contara que ia voltar tinham ficado surpresos, esperado uma explicação, e, quando ela dizia que ia fazer aquilo apenas porque queria, uma ruga de espanto surgia na testa deles” (ADICHIE, 2014, p. 21). Tia Uju tentou fazer “Ifemelu ver a gravidade de sua tolice” (ADICHIE, 2014, p. 21) ao perguntar se ela aguentaria voltar, assim como seus pais que achavam que se ela não aguentasse, pelo menos ela poderia voltar por ser cidadã americana.

A volta de Ifemelu a Lagos também é marcada pela observação do espaço, das transformações ocorridas na cidade e nas pessoas que circulavam pelas ruas e, mais uma vez, o espaço é apresentado, a partir de uma prosopopeia, pois ela afirma que “no início, Lagos agrediu-a [...] as pilhas de lixo que se amontoavam à beira da estrada como uma provocação” (ADICHIE, 2014, p. 415).

O recomeço não ocorre de forma simples, e, mais uma vez o espaço se impõe como elemento formador da narrativa, pois é nítida a estranheza dela, ao chegar em Lagos, ao achar tudo diferente, tudo estranho, desde os prédios até a nova cultura que ela observava na cidade, em geral. Por isso,

Ifemelu teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar. Será que sempre tinha sido daquele jeito ou tinha mudado tanto em sua ausência? (...) “*Americanah!*”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade” (ADICHIE, 2014, p. 416).

Assim, é visível que a história de Ifemelu é cíclica, pois ela começa em Lagos e, após um longo período em diáspora, ela retorna a sua terra natal. São perceptíveis também as mudanças ocorridas com ela nesse período, pois se apresenta culturalmente híbrida, tendo se transformado de uma jovem tradicional da Nigéria em uma mulher cosmopolita, uma *americanah*. No entanto, ao contrário da personagem cosmopolita estereotipada, ela não havia perdido o contato com suas origens – o que lhe permitiu voltar – o que se evidencia pela ausência de sotaque americano, apontada pela amiga.

Como já afirmado, a diáspora, os deslocamentos e relações dos indivíduos com o espaço são temas recorrentes da literatura pós-colonial e *Americanah* (2014) também apresenta essa característica, sendo possível constatar que o espaço é um elemento constituinte da narrativa, que desnuda características e ações que se justificam, devido

ao local em que estão inseridos as personagens e suas ações. Assim, nesse tipo de romance, e em *Americanah* em especial, o espaço é elemento de importância fundamental no andamento do enredo.

A identidade americanah de Ifemelu

Americanah é uma obra em que o tema da identidade é central, pois o próprio título já aponta as mudanças identitárias pelas quais os nigerianos passam, ao saírem da Nigéria, e voltam com comportamentos afetados pelo contato com a outra cultura. Esse comportamento “afetado” é aceito e considerado normal, tanto que o verbete *americanah* foi criado para definir tais pessoas. Embora o termo designe um comportamento aceito e compreendido pelos nigerianos, ele é usado em tom jocoso.

Ifemelu tem consciência de suas mudanças e ela mesma observa que aquilo que ela deveria achar bonito, ela acha feio e de péssimo gosto, e por achar bonitas as vigas expostas, como ao gosto americano.

Apesar de suas mudanças, Ifemelu não se torna completamente *americanah*, pois, como aponta sua amiga, ela nem tem sotaque americano. Por isso, sempre que ela reclama de alguma coisa, na Nigéria, Ranyinudo fala em tom de provocação: “*Americanah*, brinca Ranyinudo sempre. Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações” (ADICHIE, 2014, p. 416).

Por meio do cotidiano da protagonista e de suas observações a narradora faz um breve panorama de forma crítica da sociedade lagosiana. Na descrição das situações em que Ifemelu entrevista mulheres ricas da cidade a narrativa demonstra o incômodo da personagem em relação ao modo de vidas delas.

Embora Ifemelu esteja tentando se reencontrar, sua readaptação não ocorre com naturalidade. Algumas vezes ela se depara com situações de enfrentamento. Devido ao seu comportamento crítico ela se desentende com suas colegas situação que a leva a criar um outro blog, desta vez para falar da vida em Lagos.

O retorno de Ifemelu a coloca na condição pós-diaspórica e exige dela uma readaptação. Seu sentimento de estrangeirismo se dá em decorrência das mudanças pelas quais ela passou durante sua estadia fora, pois conforme Hall, “é impossível

'voltar para casa' de novo” (2004, p. 416), uma vez que a casa não será a mesma de antes.

Considerações finais

Americanah é uma obra que confronta a história única sobre a África, construída no Ocidente como “uma história única de catástrofe [...] [d]e pessoas incompreensíveis travando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e de aids, incapazes de falar por si mesmas e esperando para serem salvas por um estrangeiro branco e bondoso.” (ADICHIE, 2019, n. p).

Desta maneira, *Americanah* rompe com esses paradigmas ao contar histórias divergentes da única história sobre a África, trazendo relatos de pessoas de vários países africanos e não de um continente como se fosse um país homogêneo. Rompe com essa história única ao falar das pessoas como personagens que constroem suas próprias histórias e apresentando-as com uma medida de respeito por suas diferenças.

O romance deixa claro aos leitores, principalmente aos americanos, que África é um continente, composto por vários países com pessoas de culturas totalmente diferentes.

Mesmo rompendo com a história única estereotipada sobre esse continente, que tem problemas, assim como os outros, a narrativa não nega as catástrofes existentes, mas ressalta que ela cria estereótipos “e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, n. p), escondendo todas as outras possibilidades, o que tem como principal consequência, segundo Adichie, o roubo da dignidade das pessoas.

A obra apresenta uma forte crítica à política racial da sociedade americana, que se constitui de racismo, discriminação e xenofobia como ideologias incrustadas na sociedade, conforme aponta Amonyze ao afirmar que:

discriminação não é um evento passado na América, mas um assunto atual que exige novas perspectivas e atitudes sociais. Porque americano significa ser branco, aqueles que não são brancos são presumidos como recém-chegados e são regularmente instruídos a voltar (2017, p. 01 tradução nossa).⁵

⁵ Discrimination is not a past event in America but a current subject demanding new perspectives and social attitudes. Because American means White, those who are not White are presumed to be recent arrivals.

A narrativa busca, também, transmitir uma mensagem aos jovens nigerianos de que o exterior não é a única opção, como se pensa, e apresenta os contrapontos e os custos econômicos e psicológicos de uma jornada em países como Estados Unidos ou Inglaterra. *Americanah* deixa também a reflexão de que há oportunidades na Nigéria, que não é necessário ir embora em busca delas.

É nesse contexto que *Americanah*, assim como outras obras pós-coloniais, se encontra, uma vez que, ela proporciona agência a indivíduos subalternos que não são ouvidos, combatendo, assim, a subalternidade.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: Espaço, Corpo, Escrita*. Rio de Janeiro: 7letras, 2015.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. 2. ed. London: Routledge, 2002.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à toponálise*. Franca/SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços literários e suas expansões. In *Aletria*. v. 15, 2007.
- CHILDS, Peter; WILLIAMS, R. J. Patrick. *Introduction to post-colonial theory*. New York: Routledge, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. DP&A editora. Rio de Janeiro, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

FEMALE IDENTITY IN DIASPORA: AN ANALYSIS IN *AMERICANAH*

ABSTRACT

This research aims to problematize the deconstruction of female identity in the United States/Nigeria inter-place in the post-colonial context, in the work *Americanah* (2014) by Chimamanda Ngozi Adichie, focusing in particular on the protagonist Ifemelu. Furthermore, it is interesting to investigate the degree to which his identity is affected by the diaspora situation in foreign territory due to cultural shock and to what degree he maintains elements of his original culture. Deconstruction of female identity was analyzed as an occurrence. To support this analysis, they were used as post-colonial theories, which study the levels of affectation of cultures in the countries that were colonized. Among others, works by Homi K. Bhabha were used; Bill Ashcroft, Gareth Griffiths and Hellen Tiffin; Albert Memmi; Peter Childs and R. J. Patrick Williams. To problematize issues of identity and diaspora, the works of Stuart Hall were used.

Keywords: Post-colonialism; Female identity; diaspora; *Americanah*.

Recebido em: 30/09/2020

Aceito em: 22/12/2020